No dia 25 de agosto de 2008, o presidente do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), José Nascimento Junior, e o diretor do Departamento de Processos Museais do instituto, Mário Chagas, foram recebidos pelo cantor e compositor Gilberto Gil, em seu escritório na GG Produções, localizado no famoso bairro da Gávea, no Rio de Janeiro. O objetivo da visita era realizar uma entrevista com músico sobre vários temas relacionados com a arte e a cultura, e fazer um balanço da gestão de Gil no Ministério da Cultura. O clima era o de um reencontro entre colegas de trabalho, após um período de quase seis anos de convívio...

Arquivo IBRAM

O cantor e compositor Gilberto Gil lembra em entrevista para *Musas* os bons momentos que viveu quando estava à frente da pasta da Cultura.



Balanço tropicalista no Ministério da Cultura: entrevista com Gilberto Gil

Mário Chagas: Uma coisa, Gil, que eu queria utilizar para dar início à nossa conversa com você, é que nós, relendo aquele livro das letras, quer dizer, *Gilberto Gil: todas as letras*, que é sempre inspirador, nos detemos em um comentário interessante do Arnaldo Antunes, quando ele fala do I Ching, e você, a certa altura, se perguntou: "quem sou, afinal?". E veio a resposta do receptivo...

Gilberto Gil: "Hexagrama nº 02".

MC: E aí, ficamos pensando sobre isso, essa coisa do receptivo, e ficamos imaginando de que modo foi a sua atuação no Ministério da Cultura. Será que esse Hexagrama também estaria presente na sua atuação no Ministério da Cultura? Como você vê isso? Queria que você falasse um pouco sobre esse receptivo e o Ministério. Você acha que se aplica?

GG: Acho que sim, exatamente pelo modo como eu cheguei ao Ministério, muito aberto, muito poroso, exatamente receptivo a compreender a complexidade da questão cultural no Brasil e no mundo; a pluralidade dos

Musas_4_2009.indd 25 23/11/2009 15:13:15

modos de atuar e operar que estavam à disposição, ou que deveriam estar à disposição; a abertura para o trabalho em equipe, para o trabalho colaborativo; a utilização das contribuições múltiplas de todos do quadro dirigente, do segundo escalão, do universo cultural brasileiro; o processo de consulta permanente, de diálogo permanente que a gente procurou estabelecer com todos os setores operadores da cultura no Brasil. Diálogo aberto, profundo, com o próprio Governo, tentando fazer com que o Ministério da Cultura fosse abraçado pelo Governo e visto na sua dimensão estratégica; a extensão disso à sociedade civil, estimulando a sociedade civil a compreender melhor, junto conosco, o papel da cultura na nossa vida, os nossos diferenciais, o que nos diferencia culturalmente de outros povos; e o investimento cada vez maior que é preciso fazer nessa peculiaridade brasileira. Enfim, acho que tudo isso caracteriza o perfil de uma pessoa, de uma personalidade receptiva, aberta...

MC: Mas veja, Gil, na verdade a gente também fica pensando: um receptivo acaba sendo um doador, né? Porque...

GG: Sim, o que ele dá é o fato de receber com generosidade a contribuição múltipla de todos. É esse reconhecimento do outro, essa capacidade de espelhamento que ele dá é isso: a imagem do outro em seu espelho, isso é doação. Quem recebe, dá; quem dá recebe... Se não é assim...

José do Nascimento Junior: Você acha que na sua passagem – não é a sua primeira passagem pela política –, mas a intensidade dessa passagem, você acha que conseguiu, não no modo tradicional da política, porque você mostrou-se como político, mas num outro código da política, você acha que construiu um outro código?

GG: A partir das minhas características. A primeira questão é a presença do dado político na minha gestão. A minha presença no Ministério já se diferenciava de como se considera tradicionalmente a política e o político: é porque o político tem a política... eu diria quase como uma dimensão profissional; ele a exerce como a dimensão essencial da sua vida, o preferencial de sua vida; o político está ali para isso, ele é o profissional daquele campo. Eu não sou e não me coloquei como tal também no Ministério. Eu vinha de fora do mundo da política. Eu costumava dizer, quando ministro, quando perguntado exatamente sobre isso, "como é estar na política?", eu dizia, basicamente, isso: "a rigor, eu não estou na política, eu estou na gestão pública", que é outra coisa. A gestão pública envolve elementos da política, envolve uma necessária dimensão política, mas ela não pertence estritamente ao campo da política. O político faz outra coisa. O gestor público tem que usar a política, ela tem que ser um dos seus instrumentos de trabalho. Mas ele não responde pela função política, não é para ela que ele trabalha. Ela não é atividade fim, é atividade meio. Para os políticos, a política é atividade fim, claro.

MC: Para nós, às vezes entre nós, a gente falava que o seu gesto político é um gesto político poético, a gente brincava, entre nós, dizendo isso, observando o seu gesto político. A sensação que ficava é que tinha estética e tinha poética no gesto político.

GG: Eu acho que sim, e é até natural que assim fosse, porque era exatamente o campo de onde eu tinha vindo, e era o campo que eu tinha trazido para o Ministério. Eu queria que fosse assim mesmo. Eu queria que essa dimensão da manifestação mais luminosa da subjetividade estivesse em mim, era uma coisa que eu queria como compreensão do quadro

Musas_4_2009.indd 26 23/11/2009 15:13:15

cultural brasileiro, queria que a cultura brasileira fosse compreendida como tal, e eu queria ser um exemplo disso, eu já era um exemplo disso. Eu sou um homem de cultura que estava na gestão pública, por acaso, no próprio Ministério da Cultura. Então, eu acho que todas essas coisas, a insistência em não me furtar a ser acionado como artista no uso da música, no uso da dança, no uso do gesto poético, como você diz, para estabelecer aprofundamentos de comunicação, estabelecer uma comunicabilidade mais natural, mais cultural, *latu senso*, enfim, tudo isso eu fiz e acho que era exatamente uma das contribuições esperadas; uma diferenciação, um diferencial, de um ministro que é do campo cultural. Aliás, era uma das coisas ainda que, aqui e ali, é criticada, era uma das coisas que mais interessava ao conjunto da sociedade brasileira e ao mundo internacional, etc.

MC: O ministro que dança...

GG: ...O ministro que dança, o ministro que canta.... Eu lembro que uma vez, na inauguração de uma praça restaurada pelo IPHAN...

JNJ: Em Pelotas.

GG: Não, em Minas, no interior de Minas, se eu não me engano em Congonhas; uma daquelas cidades mineiras... o palanque na praça com as autoridades, o prefeito, o representante da Diocese, enfim, os políticos, os vereadores e todo mundo. E quando eu acabei o meu discurso, as pessoas da praça começaram a gritar: "Canta, canta, canta, canta..." E eu cantei, ali mesmo, a palo seco, um trecho de uma das minhas músicas. E uma senhora que estava, assim, ao lado, uma senhora do povo, catucou o meu cabelo e disse: "Esse é o ministro da Cultura, ele vem aqui e além de falar da cultura, ele prova, com a sua própria vida, com sua própria música." Quer dizer que o que é prova, e nos dá prova, nos faz provar a própria cultura brasileira. Ela falou muito naturalmente, assim, dessa possibilidade de ser o homem de cultura no exercício da função institucional.

> ***"...eu cheguei ao Ministério, muito aberto, muito poroso, receptivo a compreender a complexidade da questão cultural no Brasil e no mundo..."***

MC: Gerou a recepção, e emoção.

GG: Exatamente.

JNJ: Você acha que imprimiu na sua gestão no Ministério uma estética tropicalista, a essência do movimento, e conseguiu atualizar isso para o campo da política cultural?

GG: É possível que sim. É natural até que tenha sido assim. Porque o que foi o Tropicalismo? O que estava no cerne das propostas tropicalistas? Uma afirmação profunda, evidente, da nossa dimensão própria, das nossas características brasileiras, da nossa pluralidade; do fato de que somos uma nação formada por elementos; convergentes de várias fontes culturais diferentes, de vários povos, de várias dimensões étnicas e etc e etc, que éramos múltiplos. O Tropicalismo afirmava isso. Diversidade e pluralidade eram as marcas características do Tropicalismo, e essas foram marcas fundamentais no Ministério. Afirmação de uma extensividade cultural brasileira que se dá em várias territorialidades porque é um país imenso que tem o norte, tem o centro, tem o sul todo, tem o oeste, todas essas regiões com força cultural própria e de extraordinárias características. E que, portanto,

Musas_4_2009.indd 27 23/11/2009 15:13:15

necessitam ser afirmadas em si próprias, necessitando estabelecer diálogos intensos entre elas. E foi tudo isso que a gente adotou como maneira de ver o panorama brasileiro, o panorama cultural brasileiro.

MC: E até levando isso para fora...

GG: E, evidentemente, fazendo disso um exemplo brasileiro para o mundo. Foi um dos países-chave para a adoção da Convenção da Diversidade Cultural na Unesco; tem sido um dos países-chave, a partir da nossa gestão, para o fortalecimento da convenção do patrimônio imaterial, essa dimensão irrecusável da cultura, essa compreensão irrecusável da cultura que é a dimensão subjetiva. A dimensão imaterial da cultura, dos costumes, dos modos de ser, dos modos de falar, das linguagens múltiplas, do patrimônio para além do que se herda materialmente, não é?! Tudo isso eu acho que foi... tudo isso era o Tropicalismo.

MC: Agora, tem uma coisa também que eu não tenho certeza se era ou não parte do Tropicalismo, mas que a gente vê na sua produção, que é uma mistura de moderno com o antigo; uma ligação com a nova tecnologia, com a nova coisa e que, ao mesmo tempo, vai buscar uma coisa tradicional e vai, e puxa, e mistura isso... Isso é assim ou é um engano?

GG: Não, é assim mesmo, tem que ser. O presente é a face mais recente do passado. É o rosto mais atual com que ele se apresenta e é o rosto adolescente do futuro. E é a face adolescente do futuro, é como o futuro se esboça. O presente é o último momento do passado e o primeiro momento do futuro. Como estamos no presente, essa é a nossa condição existencial; existimos hoje, nesse momento, nesse aqui agora, estamos vivos, estamos gerundiais, vivendo, sendo, atuando. E esta é a característica do presente, é o estar agora, é o gerúndio, é o estar sendo; e este estar sendo é a dinâmica que vem deslocando o passado para o futuro. O presente é o testemunhante deste deslocamento que se faz, que a vida faz, que o tempo



Foto: Arquivo IBRAM

José Nascimento Junior (na época, diretor do Departamento de Museus do IPHAN), Vera Tostes (diretora do Museu Histórico Nacional) e Gilberto Gil, à direita, na inauguração do auditório daquele museu que recebeu o nome do músico.

Musas_4_2009.indd 28 23/11/2009 15:13:16

faz, que o existir, que a existência se faz do passado para o futuro. Por isso que nós não o desprezamos, não fazia sentido chegarmos ao Ministério e dizermos que o que é tradição, o que é passado, o que é a memória, essas coisas não interessam; interessa apenas o deslocamento desenraizado, enfim, em direção a um futuro que não tem nascente, tudo nasce agora, tudo nasce no presente. Não, não é não: tudo vive no presente, mas tudo nasce o tempo todo no ciclo da dinamização passado-futuro, passado-futuro, passado-futuro... E foi assim que nós entendemos e não é a toa que já na questão dos museus nós tivemos uma gestão de alto prestigiamento, a questão da memória, a questão das casas da memória, a questão das instâncias de observação, de consideração da memória...

JNJ: Você se sentiu um ministro – a área sente você assim – um ministro museal?

GG: Sim, claro, por isso também. Não só museal, mas também e fortemente museal, porque quando a gente... Qual é uma das questões sobre a qual a gente mais se ressente no Brasil? É esse desleixo com a questão da memória. Museus sucateados, descaracterizados nessa sua capacidade de transmutar o passado em presente, presente em futuro o tempo todo. E nós prestigiamos uma visão restauradora da gestão museal no Brasil, prestigiando o Departamento de Museus, prestigiando a comunidade museal toda, estabelecendo um diálogo, desde o primeiro momento, um diálogo profundo com o campo museal brasileiro, todo ele, e juntos estabelecendo um sistema, as matrizes para a constituição do Sistema Nacional de Museus... Fizemos muita coisa, um diálogo internacional profundo com as grandes instituições museais da Europa, das Américas. Enfim, não podia ser de outra forma.

MC: Claro. É impossível lembrar de você sentado no Museu Histórico Nacional, em maio de 2003. Você olhou o viaduto e começou a falar dos carros que vão e que voltam.

> *"Diversidade e pluralidade eram as marcas características do Tropicalismo, e essas foram marcas fundamentais no Ministério."*

JNJ: Da porta do museu...

MC: E aquele momento, e aquele portal, e os aviões ali...

GG: Chegando ao Santos Dumont...

MC: E era esse mesmo tema, porque, na verdade, era a tradição, a memória, o futuro e...

GG: ...E o deslocamento permanente...

MC: Era esse tema.

GG: ...Em direção ao desconhecido...

JNJ: 16 de maio de 2006!

MC: De algum modo, Gil, nós reconhecemos a sua música "Máquina de Ritmos". Esse tema também está presente nela, que é o surdo e a nova máquina de ritmos, e o surdo que entra no museu...

GG: A tradição e a invenção, a generosidade e a tranquilidade que devem caracterizar a nossa condição emocional, para que a gente saiba que os tempos, as épocas, são superadas, os ciclos são vencidos, novos ciclos são abertos e o que deve permanecer é o espírito e depois as almas. E depois, em seguida, os corpos, mas os corpos são perecíveis a percecibilidade, a finitude é uma característica daquilo que se materializa, daquilo que a subtilidade do espírito já levou a densidade da matéria, ao adensamento da

Musas_4_2009.indd 29 23/11/2009 15:13:16

"O presente é a face mais recente do passado. É o rosto mais atual com que ele se apresenta e é o rosto adolescente do futuro."

matéria... Esse adensamento da matéria significa, necessariamente, admitir, adotar, entrar no campo da perecibilidade, no campo da finitude, e que portanto é... O envelhecer e morrer é natural, isso tem que ser visto, como eu disse; isso tem que ser tomado na dimensão da generosidade que admite o novo, admite o filho, admite o outro, admite o futuro, admite a superação. Você é superado, os tempos são superados, enfim, não é possível a posição reacionária de cristalização absoluta de um determinado tempo num plano de eterno. Não é assim e, portanto, memória é isso, memória é deslocamento permanente; e só assim é possível referenciar o passado; e só assim é necessário e fundamental preservar a memória.

JNJ: Fazendo um movimento inverso, a tua passagem pelo Ministério e você olhando para o futuro, sobre a sua produção musical. Sempre havia uma dúvida, a imprensa perguntava: "Mas você esta produzindo ou não está, o Ministério está deixado você produzir?" Para criar essa dicotomia. Mas, parecia que você estava exatamente nesta posição da parabólica: colhendo, andando pelo país, sentindo, tendo novas experiências, novas emoções... O que isso influencia na tua produção, por exemplo, artística, musical, como pessoa, daqui para frente?

GG: Veremos. Esse lastro, tudo isso que você falou, estabelece claramente uma acumulação, o fato de que houve uma acumulação, de que há um novo lastro, de que há novos tijolos, novas pedras, a nova argamassa que foi trazida para essa construção, quer dizer, para essa possibilidade, para o arquiteto artista, enfim, que vai plasmar, vai moldar esse material. É evidente que isso tudo fica, que esse lastro é inalienável, ele esta lá. O fato de ter visto muita gente com olhos diferentes, em maior quantidade, em maior diversidade e com olhos diferentes em relação aos os olhos com os quais eu os via e via os outros, antes, que a vida artística me permitia ver, que o andar por aí como artista me permitia ver... O andar por aí como ministro me permitiu ver muito mais, outras coisas, muito diferentemente do que eu via como artista. E tudo isso soma, tudo isso foi acumulado pelo próprio artista, tudo isso tem lá, está lá armazenado no campo da sensibilidade, no campo da percepção... Isso seguramente influirá, vai ser destilado na nova forma de poetar, na nova forma de musicar, nas novas formas de trabalho que virão por aí.

JNJ: A Flora comentava com a gente, ali em cima, se esta passagem pelo Ministério não deixava o cantor com desejo de continuar fazendo algumas coisas não no campo da política, mas no da política cultural, das ações, ou mesmo militando por alguns temas que permearam esta mesma passagem: indústrias criativas, a questão dos direitos autorais, etc. E aí, a Flora falou: "O Gil, se você olhar a historia dele, ele sempre teve uma coisinha do lado da música, sempre teve uma coisinha do lado."

GG: Ao lado da música sempre tem uma coisa...

JNJ: Sempre fazendo uma outra coisinha.

GG: ...Da dimensão cívica, da dimensão política. Sempre tem, é natural, é assim mesmo. O artista não se faz no vácuo. Ele está num corpo, ele está numa alma, numa dimensão de...

Musas_4_2009.indd 30 23/11/2009 15:13:16

JNJ: Quais temas você acha que ...

GG: Eu acho que todos esses. "Banda Larga Cordel" já é claramente a projeção de uma captação que foi feita durante o período ministerial. Quer dizer, a importância das novas tecnologias, da convergência, o modo como elas impactam a vida cultural, a vida política, a vida criativa. A questão de perceber a cultura como as várias dimensões – a dimensão simbólica, a dimensão política de cidadania e a dimensão econômica; as economias da cultura que a gente exaustivamente trabalhou como tema durante esses quase seis anos de Ministério... Quer dizer, tudo isso está agora, já estava antes e continua agora à disposição do cidadão e do artista, para que eles operem essas coisas não institucionalmente. "Banda Larga" é um deslocamento deste tipo que foi feito comigo ainda ministro, eu ainda ministro e já fazendo coincidir as duas dimensões: a dimensão institucional política desse tema com a dimensão artística. Eu ainda ministro fiz a "Banda Larga", fui para lá. A canção "Banda Larga" fala de Piraí, um exemplo de política de inclusão digital feita por uma administração local, por um município, por uma prefeitura, por uma comunidade, etc. Com o concurso, enfim, da academia, de um lado, da força associativa da juventude, de outro lado, e assim por diante. Essas coisas todas, não essa separação, essa delimitação muito rígida, muito rigorosa, de fronteiras, não é assim...

MC: E também, nessa dimensão que você falou antes, entre corpo e espírito das coisas, o material e o imaterial, a gente também tem pensado nisso nos museus, pois como os museus lidam com coisas concretas, muitos deles... é claro que existem outros diferentes, mas, de que modo podemos lidar com a transitoriedade nos museus? Também os museus são transitórios, tem coisas que vão e que voltam, que passam. Então, a gente tem pensado nisso, como lidar com os museus e a transitoriedade... É um pouco do que você falava...

"A canção 'Banda Larga' fala de Piraí, um exemplo de política de inclusão digital feita por uma administração local, por um município, por uma prefeitura, por uma comunidade."

Reprodução



O cd Banda Larga Cordel, já incorpora a experiência do artista na gestão do Ministério da Cultura

Musas_4_2009.indd 31 23/11/2009 15:13:16

GG: Fazer com que a mentalidade museal adote essa ideia da perecibilidade, de finitude. A memória também tem trânsito, também é finita; finita no sentido de que ela se esgota numa determinada configuração para migrar, em espírito, em dimensão etérea, em dimensão conceitual, para uma outra nova configuração, de solidez, de materialidade.

MC: Agora, durante esse tempo que você também esteve como ministro, vários museus surgiram, diferentes. Tivemos experiências muito diferentes de museus. E, de algum modo, alguns deles impulsionados pela sua gestão, pela sua presença, e que também, além de possibilitá-los, inspiro-os de algum modo. Você percebeu isso, viu isso de modo claro?

GG: Alguma coisa, por exemplo, alguns dos museus... Eu me lembro de uma crítica que surgiu logo no início da gestão, quando nós falamos em criar museus e acabamos propondo a criação de alguns deles. Não, não é competência, não é função, não é atribuição da gestão cultural, do Ministério fazer museus, inventar museus, propor a invenção de museus. Eu me lembro muito bem desse tipo de crítica porque nós estávamos naquele momento falando no Museu de Aleijadinho, no Museu da Pedra Sabão, em Congonhas, no Museu do Pantanal, lá em Corumbá, no Museu do Barco, lá em Penedo; uma série de museus que estavam sendo idealizados, e tantos outros que foram surgindo por aí; revitalizações de museus ligados ao importante patrimônio imaterial brasileiro, como na área indígena; a questão do Museu do Folclore, no Rio de Janeiro... Enfim, precisava, precisa, necessita de um redimensionamento natural, que já vem sendo trabalhado exaustivamente pelos abnegados que estão lá. E assim por diante, museus escondidos por aí que precisavam ter, ganhar o apoio, ganhar a possibilidade de se tornarem visíveis, palpáveis, o palpável e também o impalpável da coisa. Os museus, além de bens materiais, precisam se tornar mais impalpáveis, e os museus da dimensão simbólica precisam ser palpáveis; é essa transmutação permanente que precisa ser feita...

"...nós prestigiamos uma visão restauradora da gestão museal no Brasil, prestigiando o Departamento de Museus, prestigiando a comunidade museal toda, estabelecendo um diálogo profundo com o campo museal brasileiro, todo ele, e juntos estabelecendo as matrizes para a constituição do Sistema Nacional de Museus..."

MC: Uma alquimia museal...

GG: Alquimia museal que precisa ser constantemente feita: transformar pedra em espírito, espírito em pedra. Tudo isso... eu acho que muita gente se inspirou nessa visão, aberta, nessa visão, enfim... Inclusiva, includente, que a gente teve lá...

MC: Mesmo, agora, com o PAC. E já antes, porque muitos pontos de cultura tinham essa dimensão da memória e eram museus também. O PAC, agora a gente vai percebendo, as comunidades particulares querem os seus museus.... Isso tudo, Pavão Pavãozinho...

GG: ...O Pavão-Pavãozinho. Nós fizemos o Museu da Maré, que foi uma coisa extraordinária, esse resgate do passado de comunidades deprimidas na sua vida

Musas_4_2009.indd 32 23/11/2009 15:13:16

material e na sua vida subjetiva; os nordestinos, que vieram para o Rio de Janeiro, enfim, capacitados, finalmente, a restaurar a memória do seu rincão nordestino, a transposição deste Nordeste feita com tanto sacrifício para cá, para esse habitat a principio inóspito do Rio de Janeiro que, aos poucos foi se abrindo, foi entendendo, foi cantando com Luiz Gonzaga, foi perenizando a Feira de São Cristóvão, etc, etc. Que foi dando, portanto, condições para que esta memória, no plano comunitário, na vida do dia a dia das pessoas descendentes de nordestinos, que essa memória pudesse se estabelecer. E assim por diante, há tantos outros museus populares, pequenos museus populares que podem ser feitos... Enfim, tudo isso. Acho que isso deve ficar como estímulo, como exemplo, como uma alavanca que pode ser utilizada pelo futuro, pelo povo que vem por aí.

MC: O ministro Juca Ferreira já fala, já falou para a gente, falou para o Nascimento, especialmente, na ideia do Museu do Luiz Gonzaga, Museu do Noel Rosa e Museu do Dorival Caymmi.

GG: É. O do Gonzaga já era uma questão, já tinha a questão do pequeno memorial dele em Exu, que precisa ser cuidado, qualificado, e eu diria até mesmo trasladado.

JNJ: Para Recife.

GG: Para Recife; eu sou favorável a isso. Por várias razões: Exu está fora do eixo, é pequeno... O memorial deve permanecer em Exu, pois você tem sempre os túmulos e mausoléus... essa dimensão deve permanecer em Exu, mas o material, enfim, o acervo e todas essas coisas devem ir para um lugar onde o fluxo do interesse por isso se faça de forma mais densa, mais intensa. Acho que Recife é bom para isso. O Museu Dorival Caymmi, na Bahia, com a pedra no Rio; o museu com dois braços e duas pernas, um pouco no Rio e outro pouco na Bahia... Acho que tudo isso é importante.

JNJ: E quanto a essa dimensão da música e dos museus? Hoje mesmo, a gente falava aqui sobre a necessidade de um Museu da Música Popular Brasileira e, ao mesmo tempo...

GG: Eu cheguei a propor, na época, o Museu da Música Sertaneja. Chegou-se a...

JNJ: Pensamos nisso lá em Uberaba.

GG: Chegou-se a pensar lá em Uberaba, ali, naquela região, Uberaba, Uberlândia, aquela região toda. Acho que é importante, assim como o Museu do Carnaval, que tem o embrião no Rio de Janeiro, mas que precisava também de outros pólos. O carnaval brasileiro é múltiplo, é diverso, é variado, ele tem configurações diferenciadas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, outros lugares. Acho que tudo isso é importante.

JNJ: Há dois anos teve uma exposição sobre o Tropicalismo no MAM, que também mostrou uma dimensão musealizada do próprio Tropicalismo. Como é que o artista ou o ministro se vê musealizado?

GG: Eu não tenho problema nenhum. Eu tenho ainda a roupa com que eu estou na capa do disco Tropicália, eu ainda tenho. Está aí, é peça de museu. Eu tenho várias peças de museus, eu tenho os troféus que eu recebi, eu tenho as coisas todas... Olha, no dia que quiserem o Museu da Tropicália, o Departamento Gilberto Gil... (risos)

JNJ: A "Coleção Gilberto Gil"...

MC: O que significa um cuidado com a memória também.

GG: Claro, eu já venho tendo, a família vem tendo... É natural.

JNJ: E você acha que os outros parceiros da Tropicália também tem essa preocupação?

GG: No caso do Caetano, sim. Por exemplo, em Santo Amaro, uma amiga, não me lembro agora o nome dela, uma grande amiga da família de Caetano se

Musas_4_2009.indd 33 23/11/2009 15:13:16

dedicou ao longo desses vários últimos anos a isso; a criar uma coleção, uma pequena coleção de objetos, de documentos a respeito do Caetano. Quer dizer, isso está, ao que me parece, está lá, em Santo Amaro, também acredito que em exposição...

MC: Teve um fã de Luiz Gonzaga que fez a mesma coisa, eu o conheci ainda no Recife, em Casa Amarela. Ele chamava de Museu Luiz Gonzaga; mas foi um fã que foi organizando, e depois me parece que esse material foi para Exu.

GG: É bem possível que sim.

JNJ: Você imagina aonde seria esse Museu da Tropicália?

GG: Não sei...

JNJ: No Rio? Na Bahia?

GG: Não sei, até São Paulo. São Paulo foi o grande núcleo, o acolhimento maior. Foi lá que a Tropicália surgiu mesmo, floresceu, com os Mutantes...

JNJ: Você acha possível?

GG: Eu acho. Se for para pensar num Museu da Tropicália eu, a princípio, pensaria em São Paulo.

MC: Agora, Gil, tem uma coisa que é interessante também, porque estamos aí nessas questões de comemorações, vivenciando aí os quarenta anos de 68, e você esteve na passeata dos 100 mil...

GG: É, estive, há foto, há muitas fotos. Eu ao lado da Nana Caymmi, Arduíno Colassanti, de várias pessoas... Glauber Rocha, muita gente.

MC: Aliás, a passeata foi no dia do seu aniversário...

GG: No dia do meu aniversário, 26 de junho.

MC: 26 de julho. Mas é interessante pensar que um jovem ali, que fazia aniversário naquele dia, que depois vem a ser ministro, quer dizer, o Brasil mudou nesse tempo, de 68 para agora, houve uma mudança...

GG: Volta àquela questão de que já falamos: o deslocamento do passado para o futuro através dos vários presentes que foram sendo vividos; a intensidade daqueles momentos, e depois o exílio e a volta; e toda a retomada do ímpeto tropicalista ao voltar; e as contribuições que foram sendo aos poucos cumulativamente sendo dadas ao país; e esta estatura que foi se configurando na personalidade, na figura do artista e que finalmente acabou, enfim, junto com o momento em que o país reconhecia um outro, uma outra acumulação, uma outra grande acumulação que vinha propriamente pela política, pelo ativismo, na figura do presidente Lula, quer dizer, ele vem e leva essa outra acumulação para lá junto dele, para dentro do Governo dele. Então, Gilberto Gil se torna ministro... (risos)

JNJ: Há uma admiração mútua entre você e o presidente, e entre o presidente e você.

GG: Eu espero que sim. (risos)

JNJ: A gente sente isso!

GG: Pela parte que me toca, a admiração é profunda. Eu tenho uma admiração profunda pelo presidente. E acredito que antes de se tornar presidente e de me fazer ministro, ele já tinha um processo de aproximação afetiva, à distância comigo, de admiração, do modo de me ver, de me valorar; e agora, depois quase seis anos do convívio que tivemos ali, tendo de estar juntos em muitos momentos, momentos difíceis...

MC: E aquela frase do Caetano, de que "o Gil é o Lula do Lula"?

GG: Uma frase que pode ser lida de várias formas. Mas é interessante, é uma *boutade* interessante, uma tirada interessante, é uma boa tirada...

JNJ: É interessante como a gente percebe que são dois códigos de políticas diferentes. Quer dizer, o Lula vem de uma tradição, claro que popular, mas os códigos se encontram nesse popular, nessa relação popular, com a sensibilidade de um forjado de um jeito e você forjado de outro... E tem uma fusão de horizontes ali muito interessante...

Musas_4_2009.indd 34 23/11/2009 15:13:16

GG: Com certeza, eu acho. Uma das razões de eu ter topado...

JNJ: É uma boa parceria.

GG: ...Ter assumido, admitido, aceitado o convite...

JNJ: E essa sua saída do Ministério também foi algo tranquilo, ou melhor, esse desejo anterior de sair depois, agora concretizado, também está na lógica desse seu pensar sobre os deslocamentos, né?

GG: Tudo que tem um começo tem o seu fim. É o Yin e o Yang...

MC: Voltamos ao Yin e Yang.

GG: Só não tem fim o que não tem começo, e isso aí é intocável; o inatingível, não está ao alcance da percepção humana.

JNJ: Essa sensibilização...

GG: Da dissolução permanente de tudo... Fora isso, no plano concreto das existências que se instalam, tudo o que se instalou, que passou a existir num determinado instante, terá um instante final... Então, eu cheguei ao Ministério e, um dia, tinha que sair. Se não fosse agora, seria quando expirasse o mandato do presidente Lula.

JNJ: Essa passagem pelo Ministério ou pela política, para você, significa "olha, eu tive esse momento e não penso mais adiante nisso, agora é só música", ou tem ainda, um certo desejo? Ou dá um desejo e não dá tempo para isso agora? Há essa possibilidade, em potência, disso?

GG: Olha, o que eu não penso agora não significa que eu não venha a pensar no futuro. Eu não pensava antes do dia em que eu recebi o convite do presidente Lula para ser Ministro. Eu não estava pensando nisso; tive que pensar nisso no momento em que ele me convidou. Agora, amanhã ou depois, se a vida me convida...

MC: Claro.

GG: A vida convida... e aí, pronto, você vai pensar no convite da vida. "Para que é que a vida está te convidando?" Se ela voltar a me convidar para alguma coisa parecida com isso, ser ministro ou ser qualquer outra coisa, eu vou ter que pensar no assunto. Como eu tive que pensar, naquele dia, em que o presidente Lula me convidou...

> *"Os museus, além de bens materiais, precisam se tornar mais impalpáveis, e os museus da dimensão simbólica precisam ser palpáveis; é essa transmutação permanente que precisa ser feita..."*

JNJ: Para a gente, parecia que você estava muito à vontade como ministro, gostando...

GG: Manifestei esse gosto o tempo todo, falei dele o tempo todo. Saí, no dia da minha demissão, saí dizendo: "já estou com saudades". (risos)

MC: Para alguns de nós, o dia em que você disse: "bom, agora estou fora mesmo"... No dia seguinte, eu confesso que alguns de nós amanheceram assim com um pouquinho de tristeza, não foi nada definitivo, mas uma tristezazinha que veio assim, "puxa, foi tão bom..."

GG: O que é natural, porque tínhamos tido um bom convívio, tínhamos tido possibilidades de inventar coisas juntas, de descobrir coisas juntos, e saudade... No dia seguinte, vocês também sentiram saudade.

JNJ: Um certo vazio...

MC: É, um certo vazio...

JNJ: Mas foi bom fazer o "Fica Gil", por um certo aspecto. Naquele momento, em 2006, durante a campanha, aquele momento de decisão, outubro, novembro, início de setembro, durante a campanha... Aquela questão do

Musas_4_2009.indd 35 23/11/2009 15:13:16

"Fica Gil", a gente já até conversou sobre isso em vários momentos juntos e tal... Claro que uma pressão de fora, a pressão da família, a questão de ver a vida para frente, essa coisa da transitoriedade, dos deslocamentos que você fala, mas também foi gostoso, para nós, expressarmos aquele nosso momento, nosso desejo.

GG: É um apreço...

JNJ: O diferente, mostrar que nós tínhamos uma relação não só com o ministro...

GG: Uma apreciação...

JNJ: Isso, com a hierarquia do ministro...

GG: No sentido da economia mesmo, houve uma apreciação com o Ministério e vocês quiseram manifestar, vocês quiseram dizer: "esse Ministério se valorizou, essa é a nossa presença aqui com você, com o ministro que nos prestigiou o tempo todo"; isso nos deu a possibilidade de fazer com que essa apreciação se desse no Ministério e é por isso que o "Fica" significava "olha, valeu, e isso vale".

MC: Na área dos museus e da Museologia, Gil, é praticamente unânime. Claro que é difícil falar de unanimidade, mas é praticamente unânime isso há um reconhecimento muito forte da transformação que houve, há um reconhecimento. Isso é bonito.

GG: Isso me gratifica muito...

JNJ: E a tua presença também nos museus, indo nos museus...

GG: Fui muito, fui muito. Fomos lançar o Ano, no primeiro para o segundo ano, o Ano Nacional dos Museus; depois a Semana de Museus; acompanhamos as restaurações que foram sendo feitas em vários deles, no Museu Nacional, no Museu de Belas Artes.

MC: No Histórico Nacional.

GG: No Histórico Nacional, enfim...

MC: E os novos também...

GG: Inauguramos museus novos; fomos ao Rio Grande do Sul inaugurar o Museu Iberê...

JNJ: E os estudantes de Museologia, que fizeram muitas fotos com você, estimulou muita gente a fazer Museologia, muitos jovens, muitos jovens...

GG: São os frutos pequenos, são as frutinhas...

MC: Gil, nós já tomamos demais o seu tempo, mas restam umas coisinhas finais. Você também recebeu o título de doutor *honoris causa* lá em Portugal, assim, a própria comunidade...

JNJ: ...na área da Museologia.

MC: Na área da Museologia. A comunidade internacional, na verdade, olhou muito para isso, olhou muito para o Brasil e olha muito para o Brasil. E, hoje ainda, falávamos com o professor Mário Moutinho, que sabia que nós vínhamos aqui, mandou um abraço para você; mas, enfim, como foi isso para você? Porque na verdade o título de *honoris causa* para nós, foi uma honra que você recebesse...

GG: Foi o que eu disse lá, naquele momento; aquele título eu era o depositário dele, mas ele era uma coisa para todos nós. Aquilo foi o reconhecimento do trabalho do setor, do trabalho do Departamento, que nós e vocês fizemos juntos. A aproximação permanente com a área ibero-americana, com a área internacional, com o mundo sul-americano; com as grandes instituições internacionais, mesmo fora desse mundo latino, enfim, que se dispuseram sempre a dialogar conosco a partir de gestões feitas por vocês; as viagens que vocês permanentemente fizeram a todos os lugares, aqui na América do Sul, na Europa, etc. Esse mundo museal internacional foi percebendo que vocês estavam, que nós estávamos, ali, em plena atividade, em plena busca, em pleno garimpo permanente de possibilidades, de oportunidades e de convergência de trabalho em comum; trabalho em conjunto, de compartilhamento de ideias e projetos... Foi isso... Aquele *honoris causa* era isso, era porque eu, que

Musas_4_2009.indd 36 23/11/2009 15:13:16

não era alguém especialista da área, estava trabalhando com os especialistas e me dando muito bem nesse trabalho com eles. Esse título veio para isso, era um título para nós todos.

JNJ: Em algum momento você pensou: "a gente podia ter feito isso no Ministério..." e não deu tempo?

GG: Ah, tem tanta coisa...

JNJ: Mas tem uma coisa que...?

GG: Não dá tempo, não dá tempo. A vida é pequena. Imagina um mandato, um período ministerial... É muito pouco...

MC: Mas, valeu a pena.

GG: Mas o coração tem que ser generoso para saber disso, saber do limite, saber da limitação, saber da exiguidade das coisas, tempo, espaço, condições... Tudo isso tem exiguidades e não se pode fazer tudo, não se pode querer tudo; o que não pode ser feito é legado, fica como legado para que seja feito depois, em seguida, no futuro.

JNJ: E o fato do Juca virar ministro...

GG: Tem essa tranquilidade, tem essa tranquilização...

JNJ: Mas também é um reconhecimento do seu trabalho...

GG: Também. Tem essa coisa, esse conforto, é um prosseguimento que se faz. Ele foi um dos grandes artífices, junto com todos nós desde um primeiro momento; um pedreirão ali, o tempo todo, construindo conosco. Enfim, agora ele continua e, como eu disse, estou de fora, mas estou dentro também; eu vou continuar colaborando, contribuindo naquilo que for possível, com muito gosto.

MC: Gil, para finalizar, o Wisnik diz que, na sua obra, ao invés de fundamentalismo, ele vê o equilíbrio fundamental, que ele vê não o fundamentalismo, mas o equilíbrio fundamental e...

GG: O modo de ver...

> ***"Aquele honoris causa era isso, era porque eu, que não era alguém especialista da área, estava trabalhando com os especialistas e me dando muito bem nesse trabalho com eles. Esse título veio para isso, era um título para nós todos."***

MC: O modo de ver. Talvez até no Ministério da Cultura a gente veja isso também, né? Sempre um drible...

JNJ: Um drible oscilante.

MC: Sempre um drible nos fundamentalistas, mantendo o equilíbrio dinâmico. Nesse sentido, você tem alguma mensagem para dar, alguma coisa que você queira falar a mais, olhando para frente, coisa livre assim, qualquer coisa que você queira dizer para a gente encerrar; não encerrar definitivamente, mas esse momento.

GG: Nada, eu só queria deixar "aquele abraço" imenso para vocês todos, para o mundo dos museus. Tem uma coisa que eu não fiz, que eu quis fazer, que eu anunciei que faria no primeiro momento: visitar as Missões. Eu não fui lá. Eu quero que vocês cuidem daquilo lá.

JNJ: Ok. Obrigado.

MC: Muito obrigado, ministro. Ministro de Xangô. Saiu no final sem querer. Eu segurei a onda, mas agora no final... (risos)

Transcrição: Ana Carolina S. Paulo

Musas_4_2009.indd 37 23/11/2009 15:13:16